

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

3

Atena
Editora
Ano 2022

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

3

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



A arte e a cultura e a formação humana 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 A arte e a cultura e a formação humana 3 / Organizador
Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0208-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.084220906>

1. Arte. 2. Cultura. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio
(Organizador). II. Título.

CDD 701

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Em sua terceira edição, a obra **'A arte e a cultura e a formação humana 3'** busca trazer uma continuidade das discussões em torno das artes e da cultura, a nível nacional e internacional.

Assim, a coletânea **'A arte e a cultura e a formação humana 3'** vem se configurando e se solidificando como uma ferramenta, teórica e metodológica, que busca auxiliar os sujeitos na prática da compreensão e da reflexão sobre as possibilidades e os diversos olhares que podemos lançar para compreendermos a importância da arte em nosso cotidiano e em nossas relações. Pois, “a arte funciona como uma das principais armas de uma teoria crítica da cultura que pretende potencializar o que de transformador e revolucionário levamos em nossa própria essência de seres humanos” (HERRERA FLORES, 2005, p.31)¹.

Sendo assim, as discussões propostas ao longo dos 15 capítulos que compõem esta edição buscam, de forma crítica e metodológica, trazer uma reflexão de como a arte é importante mediadora da cultura, sendo crucial para o desenvolvimento expressivo, criativo e auxiliando os mais variados sujeitos em suas construções e ressignificações pessoais e coletivas, tornando-os mais sensíveis e críticos ao mundo que os cerca, já que, assim como mencionado por Ferraz e Fusari (2009, p. 38), a “[...] arte não acontece no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo”².

Ademais, espera-se que os textos desta coletânea possam ampliar as possibilidades, os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, oportunizando, de forma crítica e reflexiva, o aparecimento de novas pesquisas e olhares sobre a multiplicidade das artes e da cultura como mediadora e formadora de uma formação humana, justa, igualitária e plural.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

1 HERRERA FLORES, Joaquín. **El proceso cultural**. Materiales para la creatividad humana. Sevilla: Aconcagua Libros, 2005.

2 FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e preposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

IDENTIDADE CULTURAL: DISCUSSÕES ATRAVESSADAS PELA MODERNIDADE E PÓS MODERNIDADE

André de Araújo Pinheiro

Carla Daniele Saraiva Bertuleza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209061>

CAPÍTULO 2..... 15

NOSSO PALCO É A RUA: REFLEXÕES SOBRE CARIMBÓ URBANO E A PRÁTICA DO MANGUEIO COMO RECURSO DE SOCIABILIDADE PARA A AFIRMAÇÃO DO DIREITO A CIDADE

Daniel da Rocha Leite Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209062>

CAPÍTULO 3..... 27

O CARIMBÓ URBANO PRODUZIDO NA GRANDE BELÉM: UM DEBATE SOBRE OS PROCESSOS DE SINCRETIZAÇÃO CULTURAL ENTRE AS CORRENTES TRADICIONAL E MODERNA DO CARIMBÓ

Daniel da Rocha Leite Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209063>

CAPÍTULO 4..... 39

A MAIS DADÁ DE TODAS AS EXPOSIÇÕES: UM NOVO OLHAR ACERCA DE *MACHINE ART*, MOMA, 1934

Marcos Rizolli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209064>

CAPÍTULO 5..... 48

ENTRE O DESAMPARO JOVEM E O SAGRADO: O ESPECTRO DO GUERREIRO NOS RAPS DO GRUPO REALIDADE NEGRA DO QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA

Renata Câmara Spinelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209065>

CAPÍTULO 6..... 68

SOCIOESTÉTICA, UNA POSIBILIDAD FENOMENOLÓGICA DEL SER SOCIAL

Javier Mauricio Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209066>

CAPÍTULO 7..... 77

CONVERSA COM A NATUREZA ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS FOTOGRÁFICAS COM OS CORANTES DAS PLANTAS

Daniela Corrêa da Silva Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209067>

CAPÍTULO 8	86
O PATRIMÔNIO DUPLAMENTE ESQUECIDO: DOS EFEITOS DA PANDEMIA DA COVID-19 SOBRE EDIFICAÇÃO DE CARÁTER HISTÓRICO EM FORTALEZA-CE	
Jamilé Parnaíba Silva Adriana Guimarães Duarte	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209068	
CAPÍTULO 9	103
SÉRIE DE REPORTAGENS PARA TV: RESGATE HISTÓRICO DOS CINEMAS DE RUA DO RECIFE	
Maiara do Nascimento Cavalcanti Ana Carolina Vanderlei Cavalcanti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0842209069	
CAPÍTULO 10	116
SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO CARVALHAL, BOMBARRAL, PORTUGAL - ARQUITECTURA RELIGIOSA	
Olívia Maria Guerreiro Martins Rodrigues da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090610	
CAPÍTULO 11	139
POLÍTICAS ESPACIALES DEL AFECTO: EL CASO DE MONA HATOUM	
Toni Simó Mulet	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090611	
CAPÍTULO 12	151
CULTURAS DE CHINA / JAPÃO / ÍNDIA: KARATE-DO E OUTRAS ARTES MARCIAIS	
Marcelo Pessoa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090612	
CAPÍTULO 13	160
ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE CONCEITUAL DO DESIGNER INDUSTRIAL	
María Montserrat Vázquez Jiménez Raymundo Ocaña Delgado Argelia Monserrat Rodríguez Leonel Jorge Eduardo Zarur Cortés	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090613	
CAPÍTULO 14	172
EL DILEMA SOBRE LAS CONCEPCIONES DEL APRENDIZAJE	
Rodolfo Enrique Campos Castorena Felipe Ángel Acosta Ramírez Ulises Alejandro de Velasco Galván Roberto Romo Marín	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090614	

CAPÍTULO 15.....	187
ETNOMUSICOLOGIA, O CARIMBÓ CHAMEGADO, VISIBILIDADE E PROPAGAÇÃO DA PRODUÇÃO MUSICAL DE DONA ONETE	
Patrich Depailler Ferreira Moraes	
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.08422090615	
SOBRE O ORGANIZADOR	203
ÍNDICE REMISSIVO.....	204

CAPÍTULO 10

SANTUÁRIO DO BOM JESUS DO CARVALHAL, BOMBARRAL, PORTUGAL - ARQUITECTURA RELIGIOSA

Data de aceite: 01/06/2022

Data de submissão: 06/04/2022

Olívia Maria Guerreiro Martins Rodrigues da Costa

Lisboa, Portugal

<http://lattes.cnpq.br/3770335227406902>

RESUMO: Ontem Ermida de São Pedro de Finisterra, Hoje Santuário do Bom Jesus do Carvalho. Um ontem e um hoje que se dissipam na História; movido pela Fé, transformado pelo Homem se ergue imponente diante da pequenez humana.

PALAVRAS-CHAVE: Património; Arquitectura; Arquitectura Religiosa.

BOM JESUS DO CARVALHAL SANCTUARY, BOMBARRAL PORTUGAL - RELIGIOUS ARCHITECTURE

ABSTRACT: Yesterday Ermida de São Pedro de Finisterre, today Sanctuary of Bom Jesus do Carvalho. A yesterday and a today that dissipate in History; moved by Faith, transformed by Man, he stands imposing before human smallness.

KEYWORDS: Patrimony; Architecture; Religious Architecture.

TEXTO

Santuário, residência de Deus entre os

Homens, fruto duma harmonia arquitetónica; proveniente internamente da “... árvore da cruz ...”¹ – a cruz –, externamente pelo espaço físico onde se encontra – edifício – ambos encerram em si todo o ciclo litúrgico – mistério pascal –.

ARQUITECTURA RELIGIOSA

No Antigo Testamento a edificação, implantação, dimensão, bem como os materiais a serem utilizados no Templo, eram inspirados por Deus; hoje o homem afastou-se um pouco desta ideia, mas não descartou totalmente o passado. Na sua conceção cada elemento arquitetónico tem um significado próprio, senão vejamos:

As pedras utilizadas na sua edificação representam o ser humano, os fiéis, sem o Homem não existe Igreja, é para Ele e com Ele que se constrói;

- As vigas e os pilares representam o corpo da Igreja, aqueles que defendem a unidade e a sustentabilidade da Igreja, sendo as vigas a união e os pilares a sustentabilidade;
- A planta em forma de cruz, sacraliza o espaço, orientada no seu eixo principal no sentido oeste-leste;
- O pavimento representa o fundamento da Fé Cristã.
- O canteiro ao abrir a porta, orientada

¹ Jean Hani in O simbolismo do Templo Cristão

a oeste, tem a consciência de estar a entrar num espaço sagrado, que quando atravessado indica o caminho a ser percorrido na direção da luz;

- As janelas, as frestas, e os óculos representam a hospitalidade;
- A sacristia onde se encontram os vasos sagrados representa o seio da Virgem Maria;
- O altar, estrutura fixa ou móvel, situa-se no cruzamento do transepto, marcando o centro, é a peça fundamental de onde tudo converge e para onde tudo imerge, é o objeto que saudamos, beijamos e incensamos, é à volta dele que a assembleia se reúne. Em cima deste existem: seis velas mais o Cirio Pascal que representa a coluna de fogo, Cristo Ressuscitado, são colocadas três de cada lado da cruz, relembrando ao crente as setes luzes espirituais diante do trono celeste de Cristo, o mundo transfigurado por Cristo, e a Cruz, colocada no meio do altar, formada por dois eixos, um vertical e outro horizontal representa a relação entre o celestial e o terreno, “... é que é, através da crucificação (o conhecimento dos opostos) que se chega ao centro de si mesmo (iluminação) ...”². O eixo vertical divide-se em duas partes: a parte de cima da horizontal simboliza “... exaltação da ascensão aos estados superiores do ser ao céu ...”³, a parte de baixo simboliza “... os estados inferiores do ser, os infernos no sentido mais amplo – inferi – inferiores evidentemente em relação ao estado humano ...”⁴; o eixo horizontal representa a “... amplitude da extensão do mistério do próprio nível do nosso mundo, do nosso estado humano, a sua extensão a todas as épocas e a todas as regiões da terra ...”⁵. A Cruz é um elemento paradoxal, mas de uma enorme beleza e aos olhos da fé é o símbolo dum amor que vai até ao fim. Lugar da glória, da vitória, da beleza que brota dum amor incondicional;
- Os degraus, três, realçam a importância do altar, e simbolizam: corpus, anima, spiritus, relembram que o altar se ergue, em paralelismo com a imagem que temos do mundo e do paraíso;
- No exterior os sinos – significam sinal, tanto em latim como em português. Desempenham um papel fundamental na vida social das populações, apesar de ser considerado um instrumento do padre, em muitas localidades o ritmo destas é marcado pelas badaladas deste; tanto serve para dar as horas, anunciar casamentos, batizados ou funerais, incêndios, a hora da missa, até quando se celebra a homilia, em algumas localidades, o sino toca, anunciando a toda a comunidade a presença de Cristo. São em bronze e produzem um som metálico que se enquadra da categoria religiosa de ruído sagrado, quando instalados na Igreja são alvo de grandes celebrações, “... os sinos são como a voz amplificada das nossas alegrias e tristezas, e, nesta conformidade tem uma simpatia moras com os nossos corações ...”⁶.

2 Idem

3 Idem

4 Idem

5 Idem

6 Idem

Todas as edificações católicas: Igrejas, Capelas ou Altares Campais, precisam de autorização do Patriarcado para a sua construção, é uma norma que provem do início século XV – Constituições de 1402 e de 1464 / 68, se prolonga pelo século XVI – Concílio de Trento 1545 / 1563, Constituições Sinodais do Arcebispado de Lisboa, 1640 e se mantem em vigor nos dias de hoje.

Depois de erigidos recebem a visita de um Delgado ou Prelado, para verificar se estão dentro das normas canônicas e contêm todos os paramentos necessários aos atos de culto; estando tudo em ordem procede-se à bênção do altar, e é dada autorização para celebrar a missa. Os atos administrativos são registados, e ficam arquivados nas Paróquias, ou/e nas Dioceses – Câmaras Eclesiásticas ou Cúrias – ou ainda nas chancelarias das três Ordens Militares, consoante a jurisdição.

O recinto do Santuário possui ainda diversos espaços físicos de oração como o Altar Campal, a Via Sacra Exterior, o Monumento aos Cirios, e até um Cemitério, para lembrar ao crente que a vida na terra é apenas uma passagem, e que temos que cuidar tanto dos vivos como daqueles que já partiram; todos estes espaços indicam e relembram aos fieis a união do céu e da terra, onde o Amor pelo ser Humano se sobrepõe ao material, onde todo o sacrifício e dor têm sempre uma recompensa.

CARACTERIZAÇÃO ARQUITECTÓNICA

Quando olhamos para um edifício vemos o todo: paredes, portas e janelas; e analisamos sem nos apercebemos inconscientemente que o que torna mais ou menos belo o que determina a sua qualidade ou o que o enquadra numa determinada época são os elementos que o compõem. São eles que nos contam a história do edifício, que nos ajudam muitas vezes a caracterizar a época, a definir o autor ou construtor do projeto e até de quem o encomendou. Cada elemento resultante da organização interna do espaço, possui uma qualidade e uma identidade própria, que tornam o edifício mágico aos nossos olhos.

O património arquitetónico religioso não é diferente, este constitui um dos núcleos da arquitetura, com características tanto arquitetónicas como decorativas específicas; a sua tipologia é resultante da interligação entre a funcionalidade do espaço e os anexos administrativos necessários para o funcionamento do mesmo.

São um símbolo vivo, das memórias e vivências das comunidades em que estão inseridos, despertam o interesse dos mais variados grupos da sociedade tornando-o alvo de pressões operantes muitas vezes divergentes das que foram projetadas.

O Santuário não possui um estilo arquitetónico definido, fruto das diversas épocas construtivas (a que esteve sujeito) consequência da sua progressiva evolução, modificação e até de adulterações mais ou menos significativas; é constituído por:

Conjunto arquitetónico

Igreja, torre sineira e anexos – [Figura 1]

Exterior

De 2 pisos à exceção da torre sineira com 3 pisos, de planta retangular irregular, sendo a Igreja o edifício central de todo o conjunto, volumetricamente articulado e interligado entre si tanto externamente como internamente; com coberturas diferenciadas: na Igreja, sobre a nave e a capela-mor de duas águas; nos anexos: na residência paroquial (primitiva residência, desativada) de quatro águas, e na sacristia 1 águas e o restante de aba corrida; paramentos verticais rebocados e pintados.



[Figura 1] Conjunto arquitetónico. Fotografia de Olívia da Costa.

A fachada principal da Igreja de S. Pedro [Figura 2] (é por esta que se acede ao seu interior através dum adro delimitado por um gradeamento em ferro forjado), orientada a sudoeste, de composição harmónica constituída por três corpos: a Igreja ao centro – de pano único, com frontaria recortada sobre ela existe uma cruz em pedra, marcando o eixo vertical da fachada – eixo de simetria, rasgado por três vãos: a porta principal, encimada por uma vieira, um janelão rematado com frontão triangular e um óculo - duas torres sineiras de alturas desiguais de cada lado da Igreja – a torre adossada à esquerda, mais alta do que a torre da direita, é dividida por vários panos, rasgada por 4 vãos: porta de entrada, duas frestas verticais; e pelo campanário, por baixo deste um relógio e uma placa toponímica com a data da edificação; a torre sineira adossada à direita é similar à torre do lado esquerdo à exceção da altura, mais pequena e do relógio que nesta não existe, tem também uma placa toponímica mas com uma inscrição diferente; as cúpulas de ângulos quebrados são iguais nas duas torres. Cada corpo é marcado por cunhais em cantaria, adossados nas torres sineiras, rematados por pináculos na zona das torres, e por fogaréis na zona da Igreja. Os socos são em pedra bordejada à exceção dos vãos que dão acesso ao edifício.



[Figura 2] Fachada principal orientada a sudoeste. Fotografia de Olívia da Costa.

De empena reta, a fachada lateral [Figura 3] orientada a sudeste, com dois pisos, envolta por uma dupla escadaria lateral, simétrica, com balaustres em pedra, de acesso ao segundo piso, rematada por três portões desiguais com telheiros, e gradeamento de ferro em forma de ponta de lança. Acende-se ao edifício por um átrio precedido de dois degraus. O primeiro piso é marcado por três vãos, uma porta e duas janelas, uma de cada lado (da porta); o segundo piso é aberto por uma loggia avançada constituída por vinte e cinco vãos em forma de arco, e por dez vãos (interiormente) de parapeito corrido. O pano da escadaria é rasgado ao nível do primeiro piso, de cada lado da mesma, por dois vãos denominados – porta do judeu -.



[Figura 3] Fachada lateral orientada a sudeste. Fotografia de Olívia da Costa.

De dois pisos, adocçamento da sacristia em empena reta, a fachada lateral orientada a noroeste [Figura 4] é constituída por três corpos, sendo o corpo central – segundo corpo -, rasgado ao nível do primeiro piso: por seis vãos, quatro portas e duas janelas (duas portas de acesso publico, uma: à entrada da Igreja + livraria + secretaria paroquial + artigos religiosos; outra para a aquisição de velas, as outras duas portas tem acessos reservados) e no segundo piso por três vãos com aduelas em madeira e molduras em cantaria, uma porta central e duas janelas uma de cada lado. O primeiro corpo corresponde à livraria

é apenas rasgado no segundo piso por dois vãos – janelas; o terceiro corpo de um piso apenas e com fachada em triângulo.



[Figura 4] Fachada lateral orientada a noroeste. Fotografia de Olívia da Costa.

Constituída por três corpos, a fachada posterior orientada a nordeste [Figura 5], sendo o corpo central - segundo corpo - de empena triangular marcado por cunhais de cantaria flanqueado por edifício contínuo à nave com escadaria de acesso a loggia, o pano da escadaria é rasgado no primeiro piso por quatro vãos simples com aduelas em madeira e molduras em cantaria – duas portas de acesso w.c. e duas janelas. O primeiro corpo é um corpo reentrante, de empena reta, o acesso à sacristia é feito por um átrio; o pano da fachada é rasgado por dois vãos, sendo um deles laterais. O terceiro corpo é marcado frontalmente por três vãos, uma porta e duas janelas desiguais sobrepostas e por uma escadaria lateral de acesso à capela-mor, precedido por um átrio de planta triangular.



[Figura 5] Fachada posterior orientada a nordeste. Fotografia de Olívia da Costa.

Interior

– Igreja –

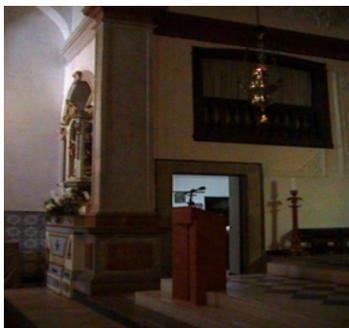
De São Pedro [Figura 6], de uma só *nave* – com teto em três planos com caixotões de madeira pintados, ao centro os instrumentos da Paixão de Cristo ornamentado com

15 painéis de flores, ao fundo (de costa para a entrada) em posição elevada, com acesso através de uma escada de madeira, encontra-se o Trono em talha dourada Joanina, onde se guarda a venerada Imagem do senhor Jesus, paramentos verticais rebocados e pintados com silhar azulejar, pavimentos em mosaico.



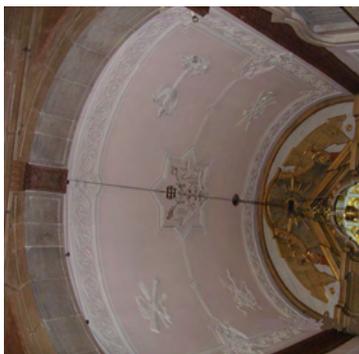
[Figura 6] Igreja de São Pedro - Interior. Fotografia de Olívia da Costa.

O transepto – nave de passagem, [Figura7], com ligação à livraria e à sacristia, tem ainda ligação com a capela-mor – parte principal da Igreja composto por: Sacrário em talha dourada e um Retábulo constituído por duas colunas coríntias em madeira, onde estão duas imagens em madeira policromada uma do Sagrado Coração de Jesus e outra do Imaculado Coração de Maria, Arco triunfal pleno com entablamento aberto com duas tribunas, Altar-Mor com camarim envidraçado ladeado por quatro colunas de fuste canelado com entablamento rematado por frontão triangular encimado por resplendor, pavimento em mármore, teto em abobada de berço com as insígnias laterais da Paixão de Cristo e ao centro os atributos de São Pedro ambas em relevo de estuque.



[Figura 7] Igreja de São Pedro - Transepto. Fotografia de Olívia da Costa.

O teto [Figura8] é pintado na cor rosa com elementos decorativos em estuque na cor branca. A composição artística consiste numa divisão geométrica assumida pelo artista, da abobada em 4 partes iguais, sobre o tema da Paixão de Cristo – os instrumentos – As Armas de Cristo, partindo ou convergindo para o centro onde se encontram representados os atributos de São Pedro, em ouro, emoldurados numa estrela de oito pontas. Toda a abobada é rematada por um friso ornamentado com cornucópias.



[Figura 8] Igreja de São Pedro – Teto da abobada da Capela-Mor. Fotografia de Olívia da Costa.

No corpo da Igreja (de frente para o Altar-mor) – estão duas Capelas colaterais, duas Capelas laterais, o Púlpito, e o Coro-alto (de costas para o Altar-mor):

Capela colateral [Figura9] – lado do Evangelho – Com retábulo devocional, de iconografia hagiográfica em madeira pintada com imaginária alusiva a São Pedro. Paredes com pintura sobre estuque, coberturas simples rebocadas e pintadas de branco.



[Figura 9] Igreja de São Pedro – Capela Colateral dedicada a São Pedro. Fotografia de Olívia da Costa.

Capela colateral [Figura10] – lado da Epístola – Com retábulo devocional, iconografia Mariana em madeira pintada com imaginária alusiva a Nossa Senhora. Paredes com pintura sobre estuque, coberturas simples rebocadas e pintadas de branco.



[Figura 10] Igreja de São Pedro – Capela colateral dedicada a Nossa Senhora. Fotografia de Olívia da Costa.

Capela lateral [Figura11] – lado da Epistola, Capela dedicada ao Senhor dos Passos – onde se encontra a Imagem do Senhor dos Passos, enquadrada num vistoso baldaquino dourado, temos ainda para veneração as Imagens de Nossa Senhora das Dores, Santo António, Santo Antão, Santa Teresa do Menino Jesus, São Luís de Gonzaga, Santa Rita, Santa Luzia, Nossa Senhora da Conceição e Santa Filomena, estas Imagens encontram-se assentes em pias; um Altar Tumular com a Imagem do Senhor morto, decorado com um friso azulejar de padronagem do século XVI. De referir ainda que nesta Capela celebra-se o Sacramento da Reconciliação.



[Figura 11] Igreja de São Pedro – Capela lateral dedicada ao Senhor dos Passos. Fotografia de Olívia da Costa.

Capela lateral [Figura12] – lado do Evangelho e/ou Capela Batismal/Batistério – constituída pela antiga Pia Batismal em pedra e um nicho com os Santos óleos, o acesso a esta Capela encontra-se vedado por uma porta em ferro forjado, pintado na cor cinzento prateado, os paramentos verticais são revestidos a azulejo do século XX.



[Figura 12] Igreja de São Pedro – Capela Batismal/Batistério. Fotografia de Olívia da Costa.

Púlpito [Figura13, 14 e 15] – lado do Evangelho – Constituído por um contraforte, com acesso interior por uma escada e uma porta de verga reta em madeira com aduelas também em madeira e molduras em cantaria simples, planta retangular, bacia assente em mísula decorada, com guarda plena entalhada pintada com dourados, baldaquino adossado a parede em madeira pintada com dourado.



[Figuras 13, 14 e 15] Igreja de São Pedro – Púlpito. Fotografia de Olívia da Costa.

Coro-alto [Figura16] – Guarda com balaustrada em madeira, com balaustres trabalhados em madeira, suportado por duas colunas em pedra, as pias de água benta circunda as colunas (que suportam o coro), com guarda-vento e órgão.



[Figura 16] Igreja de São Pedro – Coro-Alto. Fotografia de Olívia da Costa.

– *Torre sineira* –

De planta quadrangular, acesso tanto exterior como interiormente por uma escadaria em pedra, vãos fechados em madeira com molduras em cantaria, vãos abertos com molduras em cantaria, paredes e tetos rebocados e pintados.

– *Anexos* –

Sacristia, Secretaria, Livraria, Casa das velas

De plantas retangulares cada um deles, paramentos verticais rebocados e pintados, tetos rebocados e pintados, à exceção do átrio de distribuição com silhar azulejar, pavimentos em mosaico. De salientar ainda que estes anexos se encontram ao nível do r/c chão, e cada um deles se encontra equipado com mobiliário adequado as suas funções.

A iluminação de todo o conjunto é feita tanto por luz natural através de vãos: janelas e/ou portas envidraçadas e luz artificial, recorrendo na maioria dos casos a lâmpadas fluorescentes.

Edifícios e estruturas construídas

De elevação, extração e distribuição

– *Poço com arco* – [Figura17]

Parte superior de acesso ao poço em pedra revestido a cantaria, o arco é em alvenaria revestido a cantaria, com bebedouro em pedra.



[Figura 17] Poço. Fotografia de Olívia da Costa.

– Chafariz – [Figuras 18 e 19]

Existem dois. Um (à esquerda) com bacia em pedra retangular, de espaldar em empena oval, revestido com um “painel de 1.54 x 0.98 m, hagiográfico, com azulejos 0.14 x 0.14 m, figurativos, recortados, policromo, retangular ao alto, de iconografia religiosa alusivo às “Das Fontes da Salvação sacia-vos na alegris. Comparação entre a água que nos sacia a sede e Jesus que é a fonte da salvação.”⁷; e outro (à direita) todo em pedra com bacia circular e espaldar triangular, desprovido de qualquer motivo decorativo.



[Figuras 18 e 19] Chafariz. Fotografia de Olívia da Costa.

– Fonte – [Figura 20]

Bacia em pedra, semi - circular, com empena também semi - circular revestido com um “painel hagiográfico, com azulejos figurativos, de dimensão: 0.98,5 x 0.98,5 m, com azulejo de 0.14 x 0.14 m policromo, sete por sete azulejos; de iconografia religiosa alusiva à “Boa Samaritana”, tanto as figuras como o fundo são de contornos regulares preenchidas com pinceladas nas cores azul e branco, delimitado por traços verticais e horizontais,

⁷ Olívia da Costa in Inventário Azulejar –Santuário do Senhor Jesus do Carvalhal, Bombarral

envolvidos por elementos de folhagens estilizadas”⁸. Narra a cena bíblica: “... *Jesus cansado da caminhada, sentou-se, sem mais na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou uma certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: «dá-me de beber ...»*” in Bíblica, Evangelho segundo São João, 4, 1 – 42.



[Figura 20] Fonte. Fotografia de Olívia da Costa.

Residenciais

– Casa do Ermitão e Casa Paroquial – [Figura 21]

Quem entra no Santuário do lado esquerdo observa duas habitações unifamiliares, a mais antiga pertencente ao Ermitão⁹ desativada, e a segunda é hoje a atual Casa Paroquial; a separação das duas habitações é notória não só pelo estilo arquitetónico mas também pelo alpendre que dá acesso à segunda habitação.



[Figura 21] Casa do Ermitão (à esquerda) e a Casa paroquial (à direita). Fotografia de Olívia da Costa.

⁸ Idem

⁹ O zelador da Ermida = Caseiro, este nome deriva da presença da Ermida, apesar da habitação ser do século XX

Edifícios em banda, de extrema não ocupadas, área envolvente verde, edifícios não dissonantes, de pequena área, de planta retangular de frente larga, de dois pisos (um deles em cave), com dois fogos, volumetria simples, duas fachadas de um único pano, com vãos contínuos em faixa horizontal e outras duas convergentes em canto com uma das empenas rasgada por um vão – janela, cobertura inclinada com duas águas dum lado e do outro lado mais uma cobertura plana, os vãos são simples caracterizados por aduelas em madeira e molduras em cantaria.

Na habitação do Ermitão, a fachada principal é rasgada por três vãos com a métrica janela + porta + janela, a fachada posterior é adossada por uma escadaria, e rasgada por três vãos – janelas no piso superior, e por dois vãos no piso inferior, porta + janela, de salientar ainda a existência de um forno exterior.

Por sua vez a Casa paroquial, a fachada principal é rasgada quatro vãos com a métrica porta + fresta + janela + janela; a fachada posterior rasgado por dois vãos: um portão e por uma janela; interior - escada simples interior, com cozinha simples sem despensa, em espaço independente adjacente a espaço de circulação, com sala multifuncional, com instalações sanitárias no interior do fogo com um único compartimento, sem janela, quartos de dormir com janela, arrumos, garagem.

Ambas Arquitetura residencial unifamiliar do século XX, em piso térreo com cave.

– Habitações unifamiliares – [Figuras 22 e 23]

Edifícios em banda entre empenas dum lado em extrema não ocupada e do outro lado de gaveto, envolvido por uma área verde, edifício não dissonante, lote de dimensão média, de planta retangular de frente larga, lotes de um único piso, com um fogo, volumetria simples, com duas fachadas convergentes, cobertura inclinada com duas águas, acesso em escada simples com três degraus. Cada edifício – pano único, com vãos contínuos, com a métrica: janela + janela + porta + porta + janela + janela e assim sucessivamente até ao fim da banda, em faixa horizontal; interior - entrada sem vestíbulo, sem cozinha, sem sala, instalações sanitárias interiores num único compartimento, com janela; quartos de dormir, interiores com janela. Socos em alvenaria, vãos são simples com aduelas em madeira e molduras em cantaria.

Arquitetura residencial unifamiliar do século XX, em pisos térreo.



[Figura 22] Habitações unifamiliares - conjunto. Fotografia de Olívia da Costa.



[Figura 23] Habitações unifamiliares. Fotografia de Olívia da Costa.

Culturais e recreativas, construídas de exterior

– Parque das merendas – [Figura 24]

Espaço destinado ao convívio quer em família quer entre amigos, composto por um coreto, instalações sanitárias, mesas circulares e retangulares com os respetivos bancos, todo o conjunto é em pedra; com estruturas de apoio com os mais variados fins em madeira e em alvenaria.



[Figura 24] Parque das merendas. Fotografia de Olívia da Costa.

Cultural e recreativa [Figura 25]

– Museu – Dedicado ao Ex-votos e – Salão de atividades paroquiais –

Edifícios em banda entre empenas dum lado em extrema não ocupada dum só lado, edifício não dissonante, lote de dimensão média, de planta retangular de frente larga, lotes de um único piso, volumetria simples, com duas fachadas convergentes, cobertura inclinada com duas águas, acesso térreo. Cada edifício com pano único, vãos contínuos com aduelas em madeira e molduras em cantaria.

Arquitetura residencial unifamiliar do século XX, em pisos térreo; apesar da sua utilização não ser residencial.



[Figura 25] Salão das atividades Paroquiais (à esquerda e Museu dos Ex Votos (à direita). Fotografia de Olívia da Costa.

Religiosa

– Crematório –

Fogueira onde os Fiéis queimam as velas, espaço circular delimitado por uma construção em alvenaria.

– Cruzeiro – [Figura 26]

Cruz símbolo do trinco sobre a morte, Ele mede, dita e marca os lugares sagrados do Verbo, lugares de onde tudo diverge e ao mesmo tempo converge, onde esta dualidade convergência/divergência se relaciona com as quatro estações do ano, com o símbolo dos quatro evangelistas ou com os tetramorfos; pode ser também a representação esquemática de um homem de braços abertos em oração, ou a árvore da vida; base arquitetónica para a planificação de Igrejas. O seu aparecimento surge nos primeiros séculos do cristianismo, ligados à cruz dos cristãos, representam a crença e a fé de um povo, quando implantados nos adros da igreja santificam esse espaço, através dum rito processional. *“É uma forma de oração, um convite à reflexão, como um catecismo de pedra que nos introduz nos permanentes mistérios que movem filósofos, artistas e poetas: o enigma da origem da vida, a morte e o mundo”*¹⁰



[Figura 26] Cruzeiro. Fotografia de Olívia da Costa.

A história por detrás da construção do cruzeiro no Santuário bem como a sua

¹⁰ Leonel VIEIRA in Seminário: «Cruzeiros de Lousada», Universidade Portucalense, 2004

localização é desconhecida, mas ele lá está, para nos fazer lembrar de algo ou simplesmente para nos fazer questionar a sua razão de existir. A cruz é desprovida de qualquer decoração, encaixa num paralelepípedo assente em três degraus de base quadrada.

– Altar Campal – [Figura 28]

Recinto destinado a celebrações religiosas exteriores, sacralizado pela presença do Altar e da Cruz, o ritmo cerimonial é igual ao interior; de planta retangular, com bancadas elevadas, aproveitando o declive do terreno.



[Figura 28] Altar Campal. Fotografia de Olívia da Costa.

– Altares/Nichos – [Figuras 29 e 30]

Por definição são um buraco feito numa parede, podem ser construídos para o efeito, como acontece no Santuário, de pequenas dimensões, vulgarmente designado como uma casinha de imagens, usa-se normalmente em igrejas católicas onde é colocada uma imagem dentro.



[Figura 29] Altar com a Imagem do Senhor Jesus. Fotografia de Olívia da Costa.

Pelo Santuário podemos encontrar dois Altares/Nichos um com a Imagem do Senhor Jesus e outro com a Imagem de Nossa Senhora. Construção simples com paredes e tetos rebocados e pintados, um de iconografia Cristológica outro de iconografia Mariana com a imaginária alusiva ao tema de cada um.



[Figura 30] Altar com a Imagem de Nossa Sr.^a da Conceição. Fotografia de Olívia da Costa.

– *Via Sacra* – [Figura 31]

Do latim *Via Crucis* – Caminho da Cruz, constituída por 14 estações/etapas, que representam o percurso feito por Jesus há 2000 anos pela cidade de Jerusalém, carregando a Cruz desde o Pretório de Pilatos até ao Calvário. Na altura da Quaresma os cristãos são convidados a fazerem o exercício da *Via Sacra*, os fiéis percorrem cada estação meditando na Paixão de Jesus Cristo.

Construção simples com paredes e tetos rebocados e pintados com um painel azulejar do século XX, alusivo a cada estação. Cada painel de azulejos de 0.14,5x0.14,5m tem uma dimensão de 0.59,5x0.44m, monocromo, retangular ao alto, 4 por 3 azulejos, de iconografia religiosa; com moldura definida por um traço espesso de cor azul em fundo branco.



[Figura 31] *Via Sacra* – V Estação. Fotografia de Olívia da Costa.

Cada Estação retrata o seu sofrimento desde a condenação à crucificação:

- I. Estação: Jesus é condenado à morte
- II. Estação: Jesus carrega a cruz às costas
- III. Estação: Jesus cai pela primeira vez
- IV. Estação: Jesus encontra a sua Mãe
- V. Estação: Simão Cirineu ajuda a Jesus

- VI. Estação: Verónica limpa o rosto de Jesus
- VII. Estação: Jesus cai pela segunda vez
- VIII. Estação: Jesus encontra as mulheres de Jerusalém
- IX. Estação: Terceira queda de Jesus
- X. Estação: Jesus é despojado de suas vestes
- XI. Estação: Jesus é pregado na Cruz
- XII. Estação: Jesus morre na Cruz
- XIII. Estação: Jesus é descido da cruz
- XIV. Estação: Jesus é Sepultado

– Memorial aos Círios – [Figura 32]

Monumento erguido para homenagear e perpetuar esta celebração religiosa; composto por 7 painéis azulejares, figurativos, colocados ao longo de todo o Memorial, o Crente ou o visitante é convidado a desfrutar e contemplar à narração dos Círios. Painéis do século XX, da autoria de A. Círios da oficina Brito, das Caldas da Rainha.



[Figura 32] Memorial aos Círios. Fotografia de Olívia da Costa.

Funerária

– Cemitério – [Figura 33]

Cemitério, do latim *coemeterium* que deriva do grego *koimeterion*, de *koimao*, significa lugar de descanso, de dormir; primitivamente associado a lugares sepulcrais dos judeus e dos cristãos.

Como hoje se conhecem, edificados em terreno cercado e isolado das Igrejas

também denominados de Campo Santo é uma instituição do cristianismo, apesar de nos tempos pré-cristãos já haver locais de enterramentos comuns.



[Figura 33] Cemitério – Entrada principal. Fotografia de Olívia da Costa.

À medida que o cristianismo vai-se afirmando, as comunidades cristãs sentem necessidade de terem os seus cemitérios próprios, o que só acontece a partir do século III d.C., com as perseguições dos Romanos os cemitérios não subterrâneos anexos às Igrejas começam a surgir. O local de enterramento de cada Cristão era ditado pela sua condição económica, só os Cristãos de classe social elevada eram sepultados no interior da Igreja os restantes ficavam no exterior – no átrio que rodeia a Igreja.

Os enterros dentro das Igrejas e os abusos gerados por estes originou que a Igreja Católica mudasse várias vezes a legislação eclesiástica; já no ano 563 o primeiro concílio bracarense proibia esta prática considerada de anti-higiénica, mas só a partir dos finais do século XVIII, com o decreto de Rodrigo da Fonseca que origina a celebre revolta popular Maria da Fonte que se põe fim a este costume.

As práticas e disposições da Igreja Católica Apostólica Romana são seguidas de um modo geral pelos protestantes.

A edificação e administração dos cemitérios estão a cargo das Camaras Municipais, sendo punido por lei qualquer contravenção aos regulamentos municipais.

O primeiro cemitério no Santuário localizava-se junto à primitiva Ermida de São Pedro, as causas para o desataviamento são desconhecidas. Tanto pode ter sido por causa do terramoto, do aumento populacional ou ainda com as obras de ampliação da Igreja; sabe-se sim, que este existiu, porque na década de 50 do século passado, foram recolhidas quatro estelas funerárias, duas estão na sede da Junta de Freguesia do Carvalhal e as outras duas pensa-se que estão armazenadas no armazém da Câmara Municipal do Bombarral, apesar de serem oferecidas ao Museu Municipal do Bombarral.

Em meados do século XIX, constrói-se o atual cemitério, no início do século XX é construída a Capela Mortuária e durante esse mesmo século vai sofrendo obras de ampliação.

Espetáculo e lazer

– Coretos – [Figuras 34 e 35]

Destinados a concertos de música, normalmente por bandas filarmónicas.

Não existem muitos estudos sobre o aparecimento dos coretos, principalmente em Portugal, pensa-se que o coreto como estrutura construída fixa remonta a meados do século XIX. Estão associados às Paróquias fruto da descentralização cultural, mas é a partir dos anos 90 do século XX, que os coretos emergem como expressão da cultura popular, associados agora às Filarmónicas; por norma são obras anónimas.



[Figura 34] Coreto – Adro da Igreja. Fotografia de Olívia da Costa.

No Santuário existem dois coretos com estruturas diferentes, o primeiro implantado no adro da Igreja e o segundo no Parque das merendas; ambos são de planta hexagonal, compostos por uma base de alvenaria o primeiro com uma base dupla em alvenaria é encimado por uma grade de ferro com desenho simples, coberto por uma estrutura metálica de forma piramidal com base rendilhada assente em seis colunas de ferro fundido, o segundo é também encimado com uma grade em ferro com um desenho simples, de acesso através de duas escadarias ladeadas por um varandim metálico, é aberto.

O segundo coreto surge pela proibição do Patriarcado nos anos 50 do século passado, dos arraiais junto das Igrejas, e próximo dos cemitérios como é o caso do Santuário, levando à desativação e transformação do primeiro coreto que chegou a ser envidraçado para se adequar às novas funções - altar para missa campal, hoje é apenas um edifício decorativo.



[Figura 35] Coreto – Parque das merendas. Fotografia de Olívia da Costa.

Higiene pública e sanitária

– Instalações sanitárias –

Edifícios de planta retangular desprovido de qualquer elemento de decorativo.

O edifício da esquerda – de apoio ao parque das merendas – empenas retas, rasgada por dois vãos: portas na fachada principal;

O edifício da direita – de apoio ao Santuário - empenas retas nas fachadas principal e posterior, rasgadas por um vão - porta e de empenas triangulares nas fachadas laterais, rasgadas por cinco vãos – frestas horizontais.

REFERÊNCIAS

Arquivo do Santuário do Senhor Bom Jesus do Carvalhal, *Atas da Junta da Paróquia*;

Associação de Desenvolvimento do Carvalhal, *Roteiro Turístico – Espaços verdes, História, Arte, Fé, Carvalhal*, Bombarral;

BETTENCOURT, Teresa, *Óbidos, Arquitectura e Urbanismo (séculos XVI e XVII)*, Estudos gerais, série universit;

Bibliografia das monografias locais, (3 vols), Lisboa, 1990-1993;

CARVALHO, Orlando de, *Via Sacra do Jubileu, Paulus*, Lisboa, Apelação, 1999;

CONCEIÇÃO, Vasco P. da; BARREIRA, Maria, *A Releiosidade Popular e os Cirios do Senhor Jesus do Carvalhal*, Bombarral, Museu Municipal do Bombarral, Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral;

HANI, Jean, *O simbolismo do Templo Cristão*, Lisboa, Guy tredaniel, Editor Edições 70;

MACHADO, Júlio César, *No Oeste: Antologia de textos de Júlio César Machado*, Bombarral, pp. 81 - 82, 1996;

MELO, Sebastião José de Carvalho e, *Memórias Paroquiais 1722/1832, Dicionário Geográfico de Portugal*, Tomo 9, nº 162, (c 2º 1758/1758), Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, p. 1037 - 1038;

RAMOS, Augusto José; MONTEIRO, Jorge de Almeida, *Bombarral e o seu Concelho: (Subsídios para a sua história)*, Bombarral, Tipografia Judicidus, 1982;

RODRIGUES, Maria João Madeira; SOUSA, Pedro Fialho; BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira, V SANTOS, Moisés Espírito, *A Religião Popular Portuguesa*, (2ª edição), Assírio & Alvim, 1990;

Vocabulário técnico e crítico de Arquitectura, (4ª edição), Quimera Editores, 2005;

Via Crucis, Paulus, Apelação, 1998;

Tesouros Artísticos de Portugal, Lisboa, 1976

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afecto 139, 145, 146, 147, 148, 149

Afeto 55

Anthotype 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Arquitectura 116, 137, 138, 170, 171

Arquitectura religiosa 116

Arquitetura 42, 46, 47, 86, 90, 91, 100, 101, 118, 129, 130, 162

Arte 22, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 50, 65, 79, 84, 85, 101, 104, 110, 137, 139, 140, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 152, 153, 156, 157, 158, 162, 164, 165, 175, 192, 194, 203

B

Belém 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 37, 38, 158, 187, 189, 190, 193, 194, 202

C

Carimbo 23, 187, 190, 196, 197, 201

Carimbó urbano 15, 16, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 34, 36, 37

Cartografias 139, 140, 141, 143, 146, 148

Caruana 27, 34, 35, 36, 37, 38

China 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Chlorophyll print 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Cidade 15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 37, 53, 54, 55, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 115, 133, 158, 193, 194

Cinemas de rua 103, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114

Cobra venenosa 27, 34, 35, 36, 37, 38

Conceito 4, 6, 11, 19, 21, 23, 24, 26, 34, 38, 53, 60, 77, 78, 79, 89, 99, 160, 161, 162, 164, 168, 169

Contenidos 70, 74, 172, 183

Cotidiano 15, 16, 25, 31, 32, 39, 42, 45, 50, 55, 60, 64, 70, 73, 86, 88, 98, 100, 101, 140, 164, 165, 166, 168, 169, 176, 187, 200

Cultura 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 49, 50, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 65, 76, 83, 95, 101, 108, 114, 115, 136, 143, 151, 155, 175, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 203

D

Desamparo 48, 51, 52, 53, 56, 57, 58, 65

Desenho industrial 160, 161, 162, 167

Designer industrial 160, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169

Dilemas del aprendizaje 172

E

Enfoques 140, 172, 173, 183

Espacialidad 71, 76, 139, 140, 143

Estética 18, 20, 28, 34, 36, 41, 42, 45, 47, 49, 53, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 100, 164, 166, 168

Evaluación 172, 177

F

Fotografía 40, 47, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 93, 102, 106, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

G

GCUB 151, 152

Globalización 139, 147

Guerreiro 26, 48, 49, 51, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 116

H

Hibridização 15, 17, 27, 28, 29, 34

História 8, 10, 13, 21, 30, 39, 43, 46, 48, 50, 51, 54, 56, 59, 61, 65, 66, 85, 89, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 118, 131, 137, 138, 153, 156, 158, 160, 161, 187, 188, 189, 191, 195

I

Ideas previas 172, 183

Identidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 23, 27, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 57, 58, 59, 61, 65, 66, 67, 95, 112, 115, 118, 152, 156, 157, 158, 162, 166, 188, 190

Identidade negra 48, 50, 51, 54, 57, 58, 61, 65

Índia 151, 153, 155, 156, 158

Intuición empírica 68, 69, 70, 73

J

Japão 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Jovem 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 62, 63, 191

Juventude 48, 49, 50, 203

K

Karatê 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159

L

Legislação 86, 97, 135

M

Machine Art 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

Mangueio 15, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26

Memória 10, 39, 50, 54, 60, 61, 88, 89, 90, 100, 102, 103, 104, 152, 156

Modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 26, 32, 33, 37, 38, 39, 52, 56, 66, 78, 163

Mundo natural 68, 69, 71, 73

P

Pandemia 86, 87, 90, 96, 98, 99, 100, 101, 107, 109, 111, 112, 114, 115

Patrimônio 16, 18, 24, 26, 28, 35, 37, 38, 86, 87, 90, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108

Patrimônio cultural 16, 18, 28, 37, 86, 87, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101

Pós-modernidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 14, 38, 52, 66

Preservação 51, 86, 90, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 110

Processo de criação 77, 78, 83, 190, 191

Q

Quilombo 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 61, 66, 67

R

Recife 93, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Reportagens 103, 104, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 196

Rua 15, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 34, 35, 87, 88, 89, 93, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 158, 194

S

Série 43, 50, 54, 80, 103, 104, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 137, 161

Socioestética 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75

T

Televisão 32, 103, 104, 108, 113, 196, 197, 200, 203

Tempo 3, 6, 8, 11, 20, 22, 26, 31, 40, 43, 45, 50, 55, 61, 62, 63, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 107, 112, 113, 115, 131, 154, 158, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 191

U

UEMG 151, 152, 203

V

Vanguarda 39, 164

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

3


Ano 2022

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A arte
e a

cultura
e a

formação humana

3

 **Atena**
Editora
Ano 2022